



Cessar fogo?

(Ynet News 27.03)

Pelo menos 40 foguetes foram disparados pelo Hezbola contra o norte de Israel no dia 26 e o Irã mobiliza e fornece armas aos seus outros agentes no Líbano, na Síria e no Iraque.

(Nota da Redação: - Como é possível que numa guerra de várias frentes a ONU decida que ela seja interrompida em apenas uma? E como o Hamas continua disparando foguetes e fazendo emboscadas contra soldados israelenses, tampouco existe “cessar fogo” de um lado só, muito menos se o inimigo se recusa a libertar reféns.

É verdade que a Resolução 2728 do Conselho de Segurança não se baseia no Capítulo 7 da Carta das Nações Unidas e, portanto, não é de execução obrigatória, nem autoriza o emprego da força para garantir seu cumprimento, o que de resto seria irrealizável. Ainda assim ela cria mais um constrangimento político contra Israel, que está revidando a uma agressão terrorista sem infringir as leis da guerra, as Convenções de Genebra.

Ao menos este é o parecer do governo americano, conforme declarou o porta-voz do Departamento de Estado (Times of Israel, 26.03): “Temos permanentes avaliações sobre o cumprimento por Israel do direito humanitário internacional. Não concluímos que o estejam violando, seja no tocante à condução da guerra ou no fornecimento de assistência humanitária”).

Israel criou um novo padrão de guerra urbana.

(John Spencer, professor da Academia Militar de West Point, Newsweek, 26.07)

A teoria militar predominante no Ocidente em combates não inclui prevenir a população civil nem dar-lhe tempo para evacuar, o que Israel tem feito para proteger os civis em Gaza na medida do possível.

As estimativas fornecidas pelo Hamas, de mais de 31 mil mortes em Gaza, não identificam entre eles nenhum combatente, nem mortes causadas por “fogo amigo”. Por outro lado, como as Forças de Defesa de Israel teriam liquidado cerca de 13 mil combatentes do Hamas, os mortos civis teriam sido 18 mil, uma proporção de 1 para 1,5 historicamente baixa, sendo ainda provável que o Hamas tenha inflado os seus números, de modo que a proporção real seria de apenas cerca de 1,1. Ademais, segundo estudo do Washington Institute for Near East



Policy, a alegação do Hamas de que mulheres e crianças representariam 72 por cento do total é totalmente irrealista.

A UE e a ONU, entre outras fontes, estimam uma proporção de 9 civis para cada combatente na média de todo tipo de guerras modernas. Na batalha da cidade iraquiana de Mosul (2016-2017), por ex., em que os Estados Unidos usaram extensivamente o seu poder aéreo, morreram 10 mil civis e cerca de 4 mil terroristas do ISIS/Estado Islâmico, ou seja, 2,5 civis para cada combatente.

Se precisarem, os israelenses lutarão sozinhos

(Clifford D. May, Washington Post, 26.03; William Booth, Washington Post, 27.03.)

Em 1967, quando os países árabes que circundam Israel estavam preparando uma guerra de aniquilamento de Israel, o Presidente Lyndon Johnson disse aos israelenses para se abster. Rejeitando o conselho, os israelenses atacaram e venceram a Guerra dos Seis Dias.

Em 1981, o Presidente Ronald Reagan aconselhou Israel a não bombardear o reator nuclear do Iraque de Saddam Hussein e em 2007 George W. Bush disse para não atacar o reator nuclear da Síria.

Em todos esses casos os israelenses fizeram o que era necessário.

AS FDI avaliam que há cerca de 8 mil combatentes do Hamas em Raffah. Além de derrotá-los, será necessário fechar os túneis entre Gaza e o Egito, por onde entra grande quantidade de armas e munições. Israel concordou em preparar enclaves humanitários para os civis. Atualmente as FDI já estão executando isso.

Sobre a situação militar, William Booth transmitiu relato das IDF pelo qual foram “desmantelados”, mas não eliminados, 20 dos 24 batalhões originais do Hamas, sendo que seus remanescentes ainda são capazes de ações letais - além dos 4 intactos de Raffah. Após seis meses de combates, as IDF não têm o completo controle da Faixa de Gaza, mas sim a “liberdade de movimentos”, necessitando menos bombardeios aéreos, artilharia e tanques, e quase todos os reservistas puderam ser dispensados. Atualmente estão executando operações mais precisas, atingindo alvos onde o Hamas está se reagrupando, como no Hospital Shifa. Esse tipo de atuação deve prosseguir indefinidamente.

Naturalmente não haveria mais mortes se o Hamas libertasse os reféns e se rendesse. Isso precisa ser dito clara e enfaticamente.

(N. da R.: Até o fim de março Hamas rejeitou um acordo de trégua em troca da libertação dos reféns, que estava sendo tratado em reuniões no Catar (Jerusalem Post, 27.03).

Não se pode saber se isso se deve a que ele acredita que as pressões políticas internacionais impedirão Israel de atacar o seu último grande reduto ou se não



interessa ao Hamas soltar reféns, talvez porque a maioria já estaria morta e os sobreviventes relatariam ao mundo as torturas a que estão sendo submetidos. Talvez pretendam resistir até o fim, como mártires destinados ao paraíso prometido pelo Corão, ou como Hitler no seu bunker em Berlim. Talvez eliminem os reféns como uma última agressão aos odiados judeus ou os utilizem como moeda de troca para permitir que os seus líderes se asilem no Catar ou na Turquia).

E se os EUA ajudarem o Hamas a sair vitorioso?

(Bernard-Henri Levy, Isranet.org)

Imaginemos que Israel ceda à pressão, se abstenha de entrar em Raffah para liquidar os quatro batalhões sobreviventes e concorde com um cessar fogo de duração indeterminada, o que o governo americano parece promover. Se isso ocorrer, o Hamas declararia sua vitória – da iminência da derrota no minuto seguinte reativado. Esses criminosos contra a humanidade emergiriam triunfantes de seus túneis.

A “rua árabe” (as massas árabes) perceberia os terroristas do Hamas como “combatentes da resistência”, o Hamas rapidamente eclipsaria a corrupta e ineficaz Autoridade Palestina, cuja imagem empalideceria diante da aura de martírio e tenacidade com que o Hamas se enfeitaria.

Depois disso, nenhum dos planos extravagantes de uma força internacional de estabilização, de uma autoridade árabe provisória ou de um governo tecnocrático presidindo a reconstrução de Gaza sobreviveria por muito tempo ao retorno desse grupo de criminosos adornados com as virtudes mais heroicas.

O Hamas faria vingar a sua agenda política e ideológica e a esperança da paz cultivada por moderados dos dois lados estaria morta.

(N. da R.: Os governos dos países árabes moderados compartilham essa posição e a expressam em privado, dado que o Hamas é um instrumento do Irã e da islamista radical Irmandade Muçulmana. Um indício dessa orientação é que nenhum deles, nem mesmo os do Catar e da Turquia, que têm laços com a Irmandade Muçulmana, se ofereceu até agora para acolher habitantes de Gaza, em qualquer quantidade, mesmo apenas pelo tempo de duração da guerra. Esses dois países abrigam apenas os líderes do Hamas.

As pressões políticas americanas para que Israel concorde com um cessar fogo e, sobretudo, não ataque Raffah, têm a ver com a necessidade circunstancial do apoio da ala esquerdista do Partido Democrata para a campanha eleitoral de Biden.

Mas isso tem um limite, porque Israel é um aliado estratégico dos EUA no Oriente Médio e a opinião pública é claramente favorável a esse país. Uma pesquisa de opinião de 20 e 21 de março (Harvard CAPS/Harris Poll) revelou que 79% dos americanos apoiam Israel na guerra (21% apoiam o Hamas) e 66% dizem que Israel



está tentando evitar vítimas civis, contra 34% que discordam. São favoráveis a Israel 85% dos republicanos, 74% dos Democratas e 79% dos independentes).